



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17902 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**CARTOGRAFIA DOS ENCONTROS: CONVITES QUE NOS DÃO A PENSAR UMA INFÂNCIA PARA AS PESQUISAS COM E ENTRE AS CRIANÇAS**

Vanessa Galindo Alves de Melo - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**CARTOGRAFIA DOS ENCONTROS: CONVITES QUE NOS DÃO A PENSAR UMA INFÂNCIA PARA AS PESQUISAS COM E ENTRE AS CRIANÇAS**

---

Eu queria usar palavras de ave para escrever.

Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.

Ali a gente brincava de brincar com as palavras

tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!

A mãe que ouvira a brincadeira falou:

Já vem você com suas visões!

Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis

e nem há pedras de sacristias por aqui.

Isso é traquinagem de sua imaginação.

O menino tinha no olhar o silêncio de chão

e na sua voz candura de Fontes.

O pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas

coisas de ver [...]

(Barros, 2015a, p.13)

## 1 CONVITES INICIAIS...

Os versos que abrem essa escrita soam como convites ao encontro das crianças e da infância em seus gestos inventivos. Convites para vermos outras coisas de ver e com olhos crianceiros percebermos as miudezas e a vida que pulsa no cotidiano da Educação Infantil. Convites que, também, instauram a diferença no encontro entre as crianças e adultos, as crianças e as pesquisadoras, as crianças e suas professoras. Convites para ouvirmos as brincadeiras crianceiras, tal como a mãe do menino (Barros, 2015a), que se sentia provocada pelas palavras “que perturbam os sentidos normais da fala” (Zilberman, 2015).

As provocações de Manoel de Barros (2015a) em seu livro *Menino do mato* nos possibilitaram encontros com a infância a partir de uma experiência filosófica. Uma infância que se desloca para além de uma etapa cronológica ou de fases do desenvolvimento humano, sendo uma infância pensada como "condição da experiência" (Kohan, 2007, p.86) e que “[...] não indica uma quantidade de tempo vivido, mas uma forma de se relacionar com a vida no tempo a qualquer idade” (Kohan, 2021, p. 51).

A infância presente na expressão lírica do poeta Manoel de Barros que nos convida a “desver o mundo” (Barros, 2015a) nos remete a infância problematizada por Kohan (2021, p.24) como “um modo (curioso, inquieto, encantado) de viver a vida”. Esse modo outro de habitar o mundo nos inspira a pensar outros possíveis para as pesquisas com e entre as crianças, ou quem sabe, talvez, parafraseando Kohan (2021) que problematiza uma infância para a pedagogia, ao nos dizer que seria “[...] uma pedagogia que se inspira na infância, que toma da infância sua força perguntadora e vive, assim, da potência de uma vida infantil; [...]” (Kohan, 2021, p.53-54), desejamos assim inspiradas nessa força vital e inventiva pensar, quem sabe, uma infância para as pesquisas.

Esse movimento de pensamento nos foi possível pela própria dimensão de uma experimentação cartográfica que nos atravessou no encontro com e entre as crianças e a infância. No mapeamento das linhas e das cartografias dos desejos para pensar os currículos da Educação Infantil, a infância com essa dimensão revolucionária nos ajudou a pensar os possíveis para “desver” (Barros, 2015a) as formas habituais de pesquisas, nos convidando a um gesto de “pesquisar brincando, brincando de pesquisar” (Barros; Kastrup, 2015, p.62).

A produção dos dados da pesquisa tomou como inspiração a cartografia e sua processualidade (Barros; Kastrup, 2015) e os muitos encontros que foram desenhados em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do agreste pernambucano, onde habitamos e partilhamos paisagens, sensações e afetos com 28 (vinte e oito) crianças de duas turmas da Educação Infantil.

Nesta direção, o presente texto resulta das ressonâncias e processualidade de uma pesquisa maior experienciada no (per)curso do Mestrado e objetiva nessa escritura cartografar os dizeres, fazeres, aprenderes, gestos, invencionices infantis para pensar com e entre as crianças e a infância outros possíveis para as pesquisas.

O movimento experienciado nesses encontros em linhas abertas e errantes ao acontecimento, tornaram-se um convite-provocação para pensarmos outros possíveis para as pesquisas. Tomando a infância como um caminho de pesquisa, como nos convida a pensar Berle (2018), apostamos na possibilidade de dar a escuta as crianças e as infância, mas também acolher suas invencionices e suas traquinagens da imaginação (Barros, 2015a) que instauram outras coisas para ver nos territórios existenciais.

## **CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO INVENCIONADO EM EXPERIMENTAÇÕES INFANTIS**

A infância, se fez pés e passos de uma caminhada que se deu pelo meio, sem pensar pontos de partidas ou chegadas, como as brincadeiras de pega-pega que pulsavam no território da pesquisa e sempre se abriam a novos inícios. Convites para estar em estado de presença, convites para brincar, para lanchar, para ler histórias, para ouvir segredos, se misturavam a experiência de estar com as crianças e fazer esse tempo durar. Uma experiência que abria o tempo ou mesmo como Kohan (2004, p.64) nos ajuda a pensar quando problematiza o devir-criança como “ [...] o encontro entre um adulto e uma criança [...] é uma forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa”. Encontros que irradiavam a multiplicidade, pois “[...] o encontro entre crianças e entre um adulto e uma criança gera uma fronteira, um lugar onde o novo acontece [...]” (Saturno, 2018, p.80).

As composições que mobilizaram os encontros com as crianças, inaugurou um caminho de pesquisa a partir de uma experiência cartográfica que “[...] se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (Barros; Kastrup, 2015, p. 73), que não busca,

dessa forma, representar objetos ou solucionar problemas (Barros; Kastrup, 2015).

Assim, nesse caminho trilhado com e entre as crianças que são cartógrafas (Corazza, 2013), porque exploram extensivamente e intensivamente os meios dos territórios da Educação Infantil, fomos nos deslocando, produzindo os dados em composição e transformando os percursos a partir da imprevisibilidade e do acontecimento.

As inventividades eram acolhidas no modo de fazer pesquisa com e entre as crianças em aberturas às conversações (Ferraço; Alves, 2018) que foram gravadas e registadas em nosso diário de campo e por instaurações (Lapoujade, 2017), nossas e das crianças, como quem ensaia possibilidades de “pesquisar brincando, brincando de pesquisar” (Barros; Kastrup, 2015, p.62), com convites à contação de histórias, jogos, brincadeiras e às experiências estéticas.

Inicialmente as conversas foram acontecendo com pequenos grupos de crianças em diferentes *espaçostempos*<sup>[1]</sup> do CMEI, escolhidos por elas próprias (biblioteca, grama do pátio, recepção, anfiteatro) e também, se estenderam a momentos coletivos e, também, individualmente. Todos esses encontros e convites para estarmos com e entre as crianças foram acompanhados de cuidados éticos e de respeito à dignidade humana dos sujeitos participantes da pesquisa<sup>[2]</sup>.

Para além de nossas pistas iniciais como esse plano de experiência para habitar o território, as conversas, como “[...] a arte de se fazer presente, de dar o tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e a partilhar com o outro o que nos habita [...]” (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018, p. 36) foram se transformando em convites para festas no pátio, piqueniques no anfiteatro, cartas, desenhos, produções de fotografias pelas próprias crianças que nos mostravam com a potência do seu olhar outras coisas para ver.

### **CONVITES PARA “DESVER O MUNDO” E AS PESQUISAS:** alguns itinerários cartográficos da traquinagem da imaginação das crianças e da infância

Essa composição de itinerários de pesquisas abertos “as traquinagens da imaginação” (Barros, 2015a) das crianças nos deslocam à epígrafe inicial dessa escrita. Com Manoel de Barros e o *Menino do mato* aprendemos sobre a potência da infância em imaginar, criar, perguntar, invencionar. A infância que nos aproxima da temporalidade do aion, como “[...] tempo infantil. [...] do perguntar, do querer saber, do amar pensar, do criar, do brincar como modo de habitar o mundo...”

(Kohan, 2020, p.61)

Essa processualidade da pesquisa cartográfica como esse movimento de transformação, gera, em certa medida, um fazer próprio de pesquisa ou um próprio fazer pesquisa (Berle, 2018). Um abrir-se ao encontro, um mergulho nas intensidades (Barros; Kastrup, 2015), para se deixar afetar pelo inesperado. Se implicar nesse movimento de estar com e entre as crianças para escutá-las e aprender com elas, se tornou uma experiência de presentificação do tempo, da escuta, da atenção a alteridade e estrangeiridade nossa e do outro, como disponibilidade de ir ao encontro das vozes que ressoam para promover outros encontros possíveis a partir da força inventiva advindos dos inícios infantis (Kohan, 2020).

Encontros com os *espaçotempos* da Educação Infantil, encontros com as brincadeiras, encontros para conversar sobre muitas coisas, encontros com os olhos que podem “desver o mundo” (Barros, 2015a) e com os dizeres que são da ordem da “invencionática” (Barros, 2015b). Nesses convites as crianças nos diziam do desejo de criar maneiras de falar de si e dos seus territórios, de falar dos seus desejos e de perguntar e tensionar a própria forma de pesquisar ou mesmo “desver” os modos habituais de fazer pesquisa com crianças que ainda são tensionados quando pouco se fala com elas e busca mais um movimento de falar sobre elas. Nesse sentido concordamos com Abramowicz (2003), quando, aponta que: “[...] em relação às inventividades, as crianças têm muito que dizer, se as ajudarmos nisto” (Abramowicz, 2003, p. 22).

Parafraseando a autora, apostamos na possibilidade de aberturas nos modos de fazer pesquisas que estejam abertos ao gesto de “Dar a escuta” (Skliar, 2019) como possibilidade de acolher as inventividades, as criações, as produções das diferenças, o pensamento, as perguntas e as artistagens das crianças e da infância. Para Corazza (2013) as crianças são artistas porque “[...] movimentam-se sobre um devir-infantil e sobre o esquecimento da história e o abandono das lembranças de infância; percorrem passagens e linhas erráticas de materiais flexíveis e heteróclitos; [...]” (Corazza, 2013, p. 21).

Dentre os inúmeros movimentos de irrupção e artistagens das crianças partilharemos o modo como elas invencionaram o uso das fotografias. Ao deslocarem os aparelhos celulares e as câmeras digitais de seus pedestais, estáveis e fixos, nos apresentaram os *espaçotempos* da Educação Infantil com os deslocamentos intensivos e extensivos (Corazza, 2013) dos seus corpos. Uma amostra de imagens dos móveis, dos espaços, dos objetos, de pessoas, imagens

de “existências mínimas” (Lapoujade, 2017) que são olhadas e percebidas pelas crianças com seu olhar que é capaz de “desver o mundo” (Barros, 2015a).

Como pode um ser, no limite da inexistência, conquistar uma existência mais ‘real’, mais consistente? Com que gesto? Qual é a ‘arte’ que permite que as existências aumentem sua realidade? São provavelmente as existências mais frágeis, próximas do nada, que exigem com força tornarem-se mais reais. É preciso ser capaz de percebê-las, de aprender seu valor e sua importância. Portanto, antes de colocar a questão do ato criador que permite instaurá-las, é preciso se perguntar o que é que permite percebê-las (Lapoujade, 2017, p.41).

Esse movimento instaurado, pelas próprias crianças para perceber o não pensado e o não percebido, na pesquisa e no território da Educação Infantil, nos diz dessa micropolítica do devir que escapa as tentativas de controle e desliza por um devir-infância (Carvalho; Leite, 2018). Ao perceberem a beleza dos detalhes do CMEI, que por vezes, nosso olhar adultocêntrico não conseguia perceber: o azul do céu no pátio, as cores vibrantes das cadeiras do refeitório, os sorrisos das crianças, os brinquedos do parque, a plantinha que nascia na horta, as crianças nos convidavam a pensar, quem sabe cartografias mais coloridas e cheias de vida, semelhantes as suas percepções.

Ora, a infância e suas imagens, juntamente com aquilo que nela e por ela deriva em múltiplas formas, acenam-nos para uma efetiva política inventiva que, escapando das normativas e das disposições gerais, criam campos de experiências que vazam por micro-poros; [...]Suas imagens não são para significar por sinônimas ou equivalências de sentido: o famoso o que isso quer dizer? Suas imagens são laboratórios ensaísticos de uma micropolítica estética sem pretensão de convencimento porque o registro produtivo de suas imagens é da consistência do devir-infância (Carvalho; Leite, 2018, p.398)

Nesse sentido a cartografia como essa abertura aos fluxos entra em composição com o olhar das crianças e da infância, pois nos convida a “estar atento “as forças” do caminho e do território que habita [está habitando], não como forma de controla-lo, mas no sentido que lhe atribuem Masschelein e Simons (2014, 23-4), ou seja, como espaço de exposição para tentar ver o que não vemos” (Berle, 2018, p.199). Imagens que não buscavam a representação das coisas, mas que ao deslizarem por essa potência inventiva saem da fixação das coisas

para pensar outros possíveis, que ainda é um movimento minoritário nas pesquisas, nos espaços da Educação Infantil, no currículo e na vida.

Nesse sentido o convite que se abre a novos inícios desliza pela provocação de Oliveira (2017), quando nos convida a arriscar-nos nas incertezas da pesquisa com as crianças e, a partir desse encontro, acolhedor da alteridade, aprender a “[...] ouvir a infância, para com ela conhecer novas perguntas, e assim repensar as que já se tem, ir até onde não fomos ainda” (Oliveira, 2017, p.32).

---

[1] A estética dessa escrita é utilizada por alguns intercessores teóricos envolvidos nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, a exemplo de Nilda Alves (2003), a fim de romper com a dicotomização instaurada pela ciência moderna e potencializar outros tantos sentidos para os termos.

[2] BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Seção 1, p. 44- 46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

## **CONVITES PARA CONTINUARMOS PENSANDO OUTROS (DES)COMEÇOS**

As crianças cartógrafas em seus múltiplos devires brincavam de *desver* (Barros, 2015a) os modos habituais de fazer pesquisa em educação, propondo a invenção de outros itinerários existenciais e outras pistas para a inspiração cartográfica. Pistas que deslizam e escapam com infância minoritária, que segundo Kohan (2004, p. 63) “É a infância como intensidade, um situar-se intensivo no mundo; um sair sempre do ‘seu’ lugar e se situar em outros lugares, desconhecidos, inusitados, inesperados”.

Ao experimentarmos essa cartografia com e entre as crianças e a infância fomos provocadas a criar e reinventar, questionar, problematizar nos abrindo a outros pensamentos, outros mundos possíveis para a processualidade da pesquisa. Assim, a cartografia nos convidou a encontros com o outro, com o estrangeiro e a infância e nos deslocou o pensamento: É possível pensarmos uma infância como caminho para a pesquisa com e entre as crianças? Como pensar um modo de pesquisa infantilmente? O que pode uma pesquisa que aposta no gesto de dar a escuta as invencionáticas da infância?

## **REFERÊNCIAS**

- ABRAMOWICZ, Anete. **O direito das crianças à educação infantil**. Pro-posições, Campinas, SP, v. 14, n.3, p. 13-24, set/dez 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643858/11335>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. In: 25ª Reunião Anual da ANPEd. Maio/Jun/Jul/Ago N° 23, Anais... Caxambu, MG, 2003. p. 62-74. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/drzj7WstvQxKy7t5GssT4mk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 maio 2019.
- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015a.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015b.
- BARROS, Laura Pozzana & KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escossia, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. (p.52-75).
- BERLE, Simone. **Infância como caminho de pesquisa**: o Núcleo de Estudos de Filosofias e infâncias (NEFI/ProPEd/UERJ) e a educação filosófica de professoras e professores. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- CARVALHO, Alexandre Filordi de; LEITE, César Donizetti Pereira Leite. Inventividade nas imagens errantes: micropolítica estética e devir-infância. In: RODRIGUES, Allan de Carvalho; BERLE, Simone; KOHAN, Walter Omar (orgs.) **Filosofia e educação em errância**: inventar escola, infâncias do pensar. – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2018.
- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS: Doisa, 2013.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- KOHAN, Walter Omar. **A infância da educação**: o conceito devir-criança. In: Kohan, Walter (org). Lugares da infância: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância** – Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa, 2020, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89462860071>. Acesso em: 08 jan. 2021.
- KOHAN, Walter Omar. **Paulo Freire**: um menino de 100 anos. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Les Editions de Minuit n-1 ed. 2017.

OLIVEIRA, Janice da Silva. **Filosofia com crianças**: cenas de experiências e encontros com os dizeres e alteridades da infância em uma escola da rede municipal de ensino. 2017. 164f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea. Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea. Universidade Federal de Pernambuco, Campus Acadêmico do Agreste, 2017.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa. Uma metodologia menor? *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SATURNO, Joane Santos do Nascimento. **A infância no espaçotempo da pré-escola obrigatória**: o dizer infantil, experiência e aprenderes-fazeres que atravessa o cotidiano das crianças. 2018, 175f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, 2018.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das Diferenças**. Ed. Mediação. 1ª ed. 2019.

ZILBERMAN, Regina. Apresentação- Desenho verbal da inocência. *In*: BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

## RESUMO

O presente texto resulta das ressonâncias e processualidade de uma pesquisa maior experienciada no (per)curso do Mestrado e objetiva nessa escritura cartografar os dizeres, fazeres, aprenderes, gestos, invencionices infantis para pensar com e entre as crianças e a infância outros possíveis para as pesquisas. A produção dos dados da pesquisa tomou como inspiração a cartografia e sua processualidade e os muitos encontros que foram desenhados ao habitarmos um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do agreste pernambucano. Tomamos a infância como um caminho para a pesquisa, invencionando instaurações e conversações para hospedarmos a potência dos dizeres, fazeres e aprenderes infantis. O gesto de “Dar a escuta” nos possibilitou irmos ao encontro da invencionática da infância e das crianças que através de suas traquinagens da imaginação nos dão a pensar outros possíveis para as pesquisas.

**Palavras-chave:** Infância. Pesquisas com e entre as crianças. Educação Infantil. Cartografia.